

Todos os esforços foram feitos para contactar com os detentores dos direitos das imagens. Em caso de omissão, faremos todos os ajustes possíveis na primeira oportunidade. Esta é uma publicação sem fins lucrativos, e encontra-se livre de pagamentos de direito de autor no Brasil, protegida pela Lei Nº 9.610, Título III, Cap. IV, Art. 46, Inciso VIII.

©Todos os direitos e responsabilidades sobre as imagens e textos pertencem aos seus autores

PORTFOLIO >>> DOSSIÊ AMAZONIA I



Loess, Marise Maués
Fotografia: Pedro Rodrigues
2015

INSCRITOS NO CORPO, DEVIRES PARA A AMAZÔNIA

A Revista Arteriais concentra-se em ampliar o debate que permeia sua existência, neste sexto ano, construindo uma reflexão sobre a arte, agora articulando de forma mais direta com a região por meio do Dossiê Amazônia. Dividida em dois tomos, e congregando pensamentos densos sobre esse território, revela a multiplicidade de olhares em pesquisas, tal qual observamos também aqui, na sessão Portfólio.

Nesta situação especial, o Portfólio traz a produção de três pessoas que ampliam a perspectiva da arte para a região. Cada artista, a seu modo, conecta experiências intensas de viver o lugar e de articular seu fazer com imagens, memórias e elementos de suas territorialidades e ancestralidades, reflexões materializadas em vivências que ressoam no corpo, em ações que chegam até nós por meio de obras cheias de força de vida.

Performances, fotografias, vídeos, e o emprego de mídias diversas atravessam o fazer e o refletir desses sujeitos que têm em comum, para além de serem da Amazônia, compreensões profundas estabelecidas na prática de olhar para o local de pertencimento e de experimentação, para as suas raízes e traduzi-los como bem pode ser visto aqui.

Marise Maués aciona as matrizes de mulher nascida nas ilhas da Região Tocantina no Pará. De sua infância traz o contato denso com a natureza em que casa, mata e os cursos d'água fundem-se em um campo permeado pelo conhecimento atávico, de quem detém pertencimento ao lugar e uma simbiose com o meio ambiente. E será ali que a artista começará a elaborar sobre os diversos fluxos estabelecidos na relação de bicho homem com esse local.

São muitos os processos que atravessam a casa, o quintal e o rio, locais onde a artista potencializa vivências, objetos, compartilhamentos e experiências com o outro e com o ecossistema ao redor. *Tempo, tempo, tempo, tempo*. Maués se entrega ao flume, tal qual noiva ou debutante, deixa o rio-mar crescer e quase devorá-la. Animais, insetos e mariscos interagem com seu corpo imóvel e ela segue aguardando o ritmo da maré. Geógrafa, a artista reflete sobre a complexidade das relações geopolíticas, coleta a água da Baía do Guajará e goteja sobre sua cabeça. A grande baía é a "estrada" do ribeirinho e muito importante para a economia. Na performance, o líquido impuro pinga tal qual tortura numa crítica ao descaso ecológico e desfaz a veste de papel da artista, deixando marcas traçadas no concreto da cidade.

Maués aceita fluir o tempo lento, subverte a lógica capitalista da colonialidade, que tão bem percebe em suas reflexões sobre geopolítica, e permite-se fluir na entrega à experiência com o ambiente natural e com o outro. Cria aparatos de tecnologia ancestral e lança-se à experiência de flutuar com seu *dibubuismo*. Em sua maior parte, são performances de longa duração com experiências de tensão e de prazer, como na ceia que prepara para suas colegas de pós-graduação em uma instalação. Ali, ritualiza processos de trocas e acolhimento.

PV Dias lança o olhar para o território, operando de forma atenta, em que visibilidade, sobreposições e deslocamentos incidem de forma direta na imagem. Crítica, sua produção nos conclama a refletir sobre trânsitos e migrações, pertencimentos e estranhamentos materializados em pinturas e colagens digitais. Não raras vezes percebemos ali a sobreposição de personagens nas paisagens. O artista reitera o direito do cidadão aos espaços da cidade e, ao inserir o sujeito na imagem, reafirma a condição e o direito de acesso que deveria ser de todos ao bem público.

Os personagens, sejam sujeitos comuns ou artistas que simbolizam a cultura popular, estão centralizados na superfície da imagem. Ocupam o plano entre o sossego e altivez. Em uma delas Pinduca, famoso cantor paraense de carimbó, aparece como rei sobre os tetos da cidade, tendo a cabeça de D. Pedro II degolada sobre uma almofada. Em outra fotografia, sobre o cais de um porto à beira da floresta, um menino negro aponta sua flecha para o observador entre a serenidade e a atenção do combate.

Há um grupo de imagens em que a operação é a de afirmação de pertencimento. Os sujeitos fotografados na paisagem trazem dentro de si outras experiências, lugares e desejos. Essas pessoas, fadadas à exclusão e ao apagamento, carregam todo um conjunto de vivências e territorialidades. Há uma sutileza ao revelar as micropolíticas engendradas nas complexas relações que tanto podem nos conduzir a refletir sobre invisibilidade e apagamento, quanto sobre diferenciação, singularidade e pertença.

Keila Sankofa articula múltiplas linguagens em seus percursos de criação. O audiovisual é um território no qual a artista formula o pensamento em experiências consolidadas já há algum tempo e desdobra-se em uma perspectiva ampliada, quando os trabalhos ganham o espaço da cidade, em projeções e instalações elaboradas para o espaço público. Essa interação com o outro é parte integrante das proposições desde os primeiros processos com as imagens, quando questões culturais e de identidade compõem um discurso elaborado sobre percursos de vida e processos de alteridade.

Há uma força nessas obras que expandem a individualidade do sujeito para emprestar seu corpo ao coletivo, em ações que, ora individuais, ora grupais, reverberam agenciamentos de um *comum* germinado de ideias, desejos e ativações de perspectivas decoloniais presentes em diversas produções nas quais atua como elemento irradiador de insurreições. Assim é em diversos projetos, como em *Direito à Memória* que alia o audiovisual às artes visuais, na construção de espaços de visibilidade a novas e antigas narrativas que estavam à margem da história; ou ainda em performances orientadas para o vídeo e que se materializam em instalações nas quais princípios de ancestralidade são operados para dar conta de distintas experiências de ser afroamazônida.

Trazemos aqui artistas que promovem complexidades em suas proposições. Ativam esferas que ao olhar para o local, evidenciam modos de subjetivação ao engendrar micropolíticas avivadas em seus corpos e imagens, como processos de reconhecimento com o coletivo e com tantos seres invisíveis que atravessam a história. De forma direta ou indireta são conclamados, por meio da arte, em uma perspectiva da *Aiethesis decolonial*, a construir novas abordagens como agentes mobilizadores de outros devires para a Amazônia.

Orlando Maneschy

MARISE MAUÉS



Sonhei que dibubuiava com corpos, eram corpos de mulheres guerreiras – Primeiro movimento, Marise Maués
Fotografia: Milton Monteiro
2021





Loess, Marise Maués
Fotografia: Pedro Rodrigues
2015





Paisagem Derruída, Marise Maués
Fotografia: Pedro Rodrigues
2018





A Ceia – Ceemos, ainda há peixe no rio, Marise Maués
Fotografia: Pedro Rodrigues
2019





Sonhei que dibubuiava com corpos, eram corpos de mulheres guerreiras – Primeiro movimento, Marise Maués
Fotografia: Milton Monteiro
2021

PV DIAS



Em frente ao rio Cupijó, andando na Brás de Águiar, PV Dias
Pigmento mineral sobre papel algodão
2021



Atravessamento 3, entre Belém, Cametá e Igarapé-miri, PV Dias
Vídeo. 0'39"
2020



Outros passados Amazônicos possíveis. Outra estética na Cabanagem no Grão-Pará, PV Dias
Pixel sobre tela
2019



Entrando no rio Cupijó, ando na chuva do inverno amazônico próximo à avenida Nazaré, PV Dias
Pigmento mineral sobre papel algodão
2021



Sem título, PV Dias
Jato de tinta sobre papel de algodão
2020

KEILA SANKOFA



Raiz e Patchuli, autorretratos, Keila Sankofa,
2020





Ancestralidade de terra e planta, instalação e performance, Keila Sankofa
Foto: Alonso Júnior, Link: <https://youtu.be/1jb9Vt2hh98>
2018-2019





Sem Nome / Sem (cem) Mortos, Filme Performance, Keila Sankofa
Foto: João Paulo Machado, Link: <https://youtu.be/k3ic8xXaht4>
2019





Direito a Memória, projeto transmidia, Keila Sankofa
Foto: Alonso Júnior
2019/2020



Direito a Memória, projeto transmidia, Keila Serruya Sankofa
Foto: João Paulo Machado, Link: www.direitoamemoria.com
2019/2020



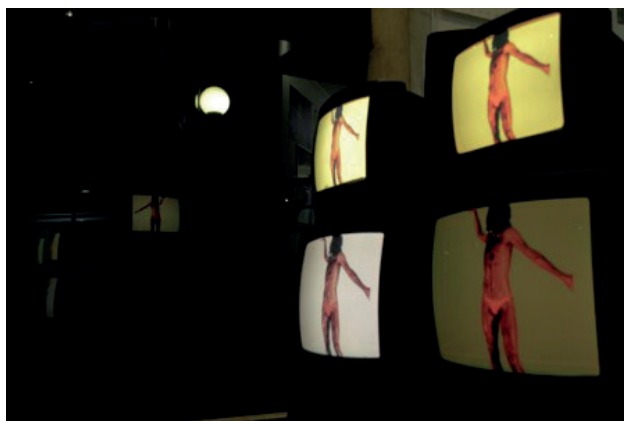
De Gira e Mato, Keila Sankofá
Foto: João Paulo Machado, Link: https://youtu.be/MSgy__Ob_ok
2017





De Gira e Mato, Keila Sankofa
Foto: João Paulo Machado, Link: https://youtu.be/MSgy__Ob_ok
2017





A Cara do Cão, Keila Sankofa
2016

Orlando Maneschy

Pesquisador, artista, curador independente e crítico. Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Desenvolveu estágio pós-doutoral na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. É professor na Universidade Federal do Pará, atuando na graduação e pós-graduação. Coordenador do grupo de pesquisas Bordas Diluídas (UFPA/CNPq). É articulador do Mirante - Território Móvel, uma plataforma de ação ativa que viabiliza proposições de arte. Curador da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA. Como artista tem participado de exposições e projetos no Brasil e no exterior, como: Outra Natureza, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2015; Horizonte Generoso – Uma experiência no Pará, Galeria Luciana Caravello, Rio de Janeiro, 2015; Transborda, Galeria Casa Triângulo, São Paulo, 2015; Triangulações, Pinacoteca UFAL – Maceió, CCBEU – Belém e MAM – Bahia, de set. a nov. 2014; Pororoca: A Amazônia no MAR, Museu de Arte do Rio de Janeiro, 2014 etc. Recebeu, entre outros prêmios, a Bolsa Funarte de Estímulo à Produção Crítica em Artes (Programa de Bolsas 2008); o Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça / Prêmio Procultura de Estímulo às Artes Visuais 2010 da Funarte e o Prêmio Conexões Artes Visuais - MINC | Funarte | Petrobras 2012, com os quais estruturou a Coleção Amazoniana de Arte da UFPA, realizando mostras, seminários, site e publicação no Projeto Amazônia, Lugar da Experiência. Realizou, as seguintes curadorias: Projeto Correspondência (plataforma de circulação via arte-postal), 2003–2008; Projeto Arte Pará 2008, 2009 e 2010; Amazônia, a arte, 2010; Contra-Pensamento Selvagem dentro de Caos e Efeito, com Paulo Herkenhoff, Clarissa Diniz e Cayo Honorato, 2011; Projeto Amazônia, Lugar da Experiência, 2012, dentre outras.

Marise Maués

Marise Maués Gomes, assina Marise Maués. Nascida em 1964 na cidade de Abaetetuba, no Estado do Pará. Vive e trabalha em Belém/Pa. Graduada em Geografia pela UFPA e Artes Visuais pela UNAMA. É mestra em Artes visuais pela UFPA. Desenvolve projetos artísticos tendo como linguagem a performance e a fotografia, com ênfase na criação de narrativas visuais e ações performáticas em consonância com arte contemporânea. Sua pesquisa pensa as relações sociais e políticas na Amazônia paraense, ancestralidade, meio ambiente, memória, patrimônio e questões de gênero. Possui participação em Salões de Arte em Belém, Goiânia, São Paulo, Montevidéu/Uruguai e Marburg/Alemanha. Artista premiada no VI Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia.

PV Dias

PV Dias é um artista paraense que vive entre o Rio de Janeiro e o Pará, comunicólogo, mestrando em Ciências Sociais na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e com formação pela EAV Parque Lage no programa Formação e Deformação do ano de 2019. Sua pesquisa pensa na estruturação das imagens de um território e em possíveis rasuras nessa estruturação. Junto a essa frente, inicia-se também um trabalho sobre intervenções em violências coloniais dos lugares por onde o artista percorre captando registros, lugares que se dividem entre Amazônia e o sudeste do Brasil.

Keila Sankofa

Artista visual e cineasta, nasceu em 1985 em Manaus/Amazonas, onde vive e trabalha. Suas produções criativas envolvem narrativas atravessadas por sua ancestralidade preta e seu gênero. Compreende a rua como espaço de diálogo com a cidade, produzindo instalações audiovisuais que exibem filmes, fotos e videoartes. Artista que utiliza a fotografia e o audiovisual como ferramenta para propor autoestima e questionar apagamentos, atualmente, utiliza seu corpo como protagonista na construção de suas obras. Keila Sankofa é gestora do Grupo Picolé da Massa, diretora artística do projeto Direito à Memória e membra da APAN – Associação dxs Profissionais do Audiovisual Negro.